

REFLEXÕES SOBRE O *BULLYING* EM ALGUNS FILMES*

REFLECTIONS ABOUT BULLYING IN SOME MOVIES

REFLEXIONES SOBRE EL BULLYING EN ALGUNAS PELÍCULAS

Rebeca Signorelli Miguel

Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas

Elaine Prodócimo

Pós-doutora pela Universidade de Murcia

RESUMO: Neste artigo buscamos discutir o fenômeno bullying por meio de uma pesquisa bibliográfica com cunho reflexivo, relacionando o assunto com filmes que tratam o tema direta ou indiretamente. Primeiramente, realizamos uma discussão teórica, na qual estão referenciados estudiosos do assunto. Em seguida, trouxemos análises e reflexões acerca de filmes que tratam o fenômeno a partir de distintos pontos de vista e estratégias. A intenção ao abordar esses filmes é poder utilizá-los como ferramenta para a análise e discussão do fenômeno bullying na atualidade. Hoje em dia, o tema da violência escolar se faz muito presente na sociedade como um todo, e também nos estudos. Além disso, diariamente nos deparamos com questionamentos sobre a profundidade das reflexões que vêm sendo construídas sobre tal tema. Ao começar os estudos sobre violência escolar, nos aproximamos do fenômeno bullying, que foi “tomado” pela mídia e marketing nos últimos anos. Percebemos que é necessário um olhar mais atencioso sobre esse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Violência escolar. Filmes.

ABSTRACT: In this article we discuss the phenomenon of bullying through a literature research with reflective imprint, linking it with movies that deal directly or indirectly with that subject. First we performed a theoretical discussion in which are referenced the main experts about the subject. Then we have done analyzes and reflections on movies that deal with the phenomenon from different points of view and strategies. The intention is to use those movies as a tool for analysis and discussion of the bullying phenomenon nowadays. The issue of school violence becomes very present in our society as a whole (and also in the studies) and we are daily faced with questions about the depth of thinking that has been built on that theme. When we began the studies on this issue, we approach the bullying phenomenon, which was “taken” by the media and marketing in recent years. We realized that a more attentive look at this phenomenon is needed.

KEYWORDS: Bullying. School violence. Movies.

RESUMEN: En este artículo se discute el fenómeno bullying a través de una revisión bibliográfica con característica reflexiva, lo relacionando con películas que tratan del tema directa o indirectamente. En primer lugar, se realizó una discusión teórica con investigadores del asunto. En seguida, se debatió, a través de análisis y reflexiones, películas que tratan del fenómeno desde diferentes puntos de vista y estrategias. El objetivo del presente trabajo es la utilización de las películas como herramienta para análisis y debate del bullying en la actualidad. La cuestión de la violencia en la escuela se hace muy presente en la sociedad en su conjunto, como también en las investigaciones, pero se cuestiona la profundidad con que se ha construido las reflexiones sobre el tema. Hubo una divulgación mayor del asunto por los medios de comunicación y de marketing en los últimos años, y es necesario una mirada más atenta acerca de ese fenómeno.

PALABRAS CLAVE: Bullying. Violencia escolar. Películas

* Artigo recebido em
Aprovado em

1 | Introdução

A manifestação da violência na escola se dá de diversas maneiras, uma delas de forma contínua e direcionada. Para este tipo específico de violência, que ocorre de forma repetida e se volta a um determinado alvo, ou grupo de alvos, foi dado o nome de *bullying*. Este fenômeno, embora não seja atual, é um fato social muito frequente nas escolas hoje em dia e tem em seus estudos grande abrangência em relação à sua classificação, quantificação, tipificação e situações decorrentes (SMITH; BRAIN, 2000, SMITH et al., 2002; MASCARENHAS, 2006; LACASA; RAMIREZ, 2011; MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011; MUSITU et al., 2011; HERNÁNDEZ, 2013).

Neste artigo buscamos discutir o fenômeno *bullying* por meio de uma pesquisa bibliográfica com cunho reflexivo, relacionando o assunto com filmes que tratam o tema direta ou indiretamente. Primeiramente, realizamos uma discussão teórica, na qual estão referenciados estudiosos do assunto. Em seguida, trouxemos análises e reflexões acerca de filmes que tratam o fenômeno a partir de distintos pontos de vista e estratégias. A intenção ao abordar esses filmes é poder utilizá-los como ferramenta para a análise e discussão do fenômeno *bullying* na atualidade.

2 | O fenômeno do *bullying*

O fenômeno *bullying* se refere, segundo Martins (2005), às condutas violentas entre pares, nas quais um grupo de alunos, ou um aluno, de força superior, vitimiza outro aluno, que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender. Segundo Lopes Neto (2005, p. 165), podemos considerar *bullying*, “[...] atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes, contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder”.

Este autor afirma ainda, que este fenômeno “diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão” (p.165). Há outras conceituações que colocam como característicos do *bullying* os atos violentos físicos e/ou psicológicos, como chutar, empurrar, xingar, apelidar, discriminar. Também Marriel et al. (2006) descrevem que, de maneira geral, as manifestações de violência ocorrem em função da busca da conquista de poder sobre o outro e do domínio de território.

Os estudos sobre *bullying* tem ganhado força nas últimas 3 décadas, apesar de ser, provavelmente, um fenômeno existente nas escolas há muito tempo ou até, possivelmente, desde que as escolas se formaram. O fenômeno “é um problema do ser humano imaturo, logo, deve acompanhar a humanidade desde a pré-história [...] encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição” (BALLONE; MOURA, 2008, p. 1). Porém, tem ganhado grande destaque por conta do crescimento de sua aparição na mídia e da incidência cada vez mais documentada. E isso tem gerado algumas questões como: este fenômeno está realmente aumentando nas escolas? Ou há maior veiculação da mídia frente a tal manifestação já que agora o fenômeno pode ser nomeado?

O *bullying* é considerado como uma subcategoria da violência escolar, mas de um tipo particularmente pernicioso, pela incapacidade da vítima se defender eficazmente.

Diferentes classificações são propostas na tentativa de compreender as formas de *bullying*. Martins (2005) faz uma classificação que inclui três tipos de manifestação: a direta física, que consiste em bater, dar pontapés, roubar e/ou estragar objetos de outros colegas, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar os colegas a realizarem tarefas servis contra sua vontade, entre outras; a direta verbal, que inclui insultar, chamar por nomes ou apelidos desagradáveis, praticar racismo ou discriminação quanto às condições físicas, mentais ou comportamentais e caçoar dos colegas; e a última, indi-

reta, quando trata de manifestações de exclusão do grupo, ameaças, boatos, perdas de amizade, manipulação da vida social dos pares.

Outra classificação muito semelhante à anterior é proposta por Musitu et al. (2011) e também por Carvalhosa (2010): a verbal que consiste em apelidar, insultar, ameaçar, humilhar; a física que envolve bater, beliscar, dar pontapés; a emocional ou a psicológica que envolve chantagem, extorsão, ameaça, exclusão; e a sexual que envolve assédio, abuso, toques sem permissão ao corpo do outro, gestos obscenos.

É de suma importância o conhecimento deste assunto para que haja a identificação dos possíveis alvos, autores e formas de manifestações do fenômeno quando presente na escola. A interpretação do modo como as relações acontecem no ambiente de cada escola é particularmente importante, assim como a compreensão das atitudes e dos tipos de relações estabelecidas entre os alunos, neste ambiente, para que o diagnóstico possa se tornar mais preciso e as maneiras de intervenção mais cuidadosas e assertivas. Importante também, buscar a razão, sem preconceitos e pré-julgamentos, dos fenômenos e das relações de poder na escola, principalmente quando pensamos neste ambiente como palco de agressões, de relações violentas e do *bullying*.

Ao tratarmos do diagnóstico do fenômeno não nos referimos apenas ao reconhecimento da existência dele, de caracterizá-lo e de denominá-lo, mas a intenção é ir além, buscar a compreensão do real significado das ações e relações de poder no ambiente escolar, e em cada escola especificamente. Apesar de ser primordial ter conhecimento sobre os alunos envolvidos, já que além de pertencerem à complexidade da dinâmica escolar e das relações que ali acontecem, também estão inseridos numa sociedade complexa, o desafio de lidar com o fenômeno não para por aí.

Os pesquisadores do assunto separam os participantes da manifestação em três categorias: os intimidadores ou autores ou ainda agressores; as vítimas ou alvos; e os não participantes, observadores ou testemunhas. Essas três personagens do fenômeno *bullying* são extremamente importantes para a perpetuação destes atos violentos, quando não interrompidos por intervenções externas. Os autores, praticando a violência, intimidam tanto o alvo, que é humilhado, quanto os observadores, que podem vir a ter medo de se tornarem vítimas ou ainda, desejarem estar no lugar do autor, principalmente por o notarem como aquele que exerce poder. “As testemunhas não participam diretamente em atos de *bullying* e geralmente se calam, por receio de tornarem-se as próximas vítimas” (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2008, p.201). É importante ainda pensar acerca da importância dos observadores para quem pratica o *bullying*. Sua presença faz com que seja possível mostrar a diferença de poder não somente para a vítima, mas também para os outros colegas, criando-se assim, testemunhas omissas. Para Ballone e Moura (2008), a testemunha pode permanecer calada por outra razão: possível prazer com o sofrimento da vítima.

A vítima é quem sofre as principais consequências do *bullying*. Estas vão, desde a questão da queda do rendimento pela perda do interesse em aprender (CEREZO, 2009), até consequências ainda mais graves, como insegurança nas relações sociais, introversão social (VITERO, 2013), e a não aceitação de si, muitas vezes decorrente da valorização dos estereótipos e valores impostos pela sociedade de consumo, que se reproduzem na escola.

As vítimas são divididas em dois grupos: as vítimas passivas, geralmente tímidas, sofrem de alguma deterioração na auto-estima, são poucos sociáveis, inseguras, com tendência à depressão (MUSITU et al., 2011), não dispõem de recursos para combater a violência sofrida (MARTÍNEZ, 2013) e sofrem impacto em sua própria identidade (PRODÓCIMO et al., 2013); e as vítimas agressoras, que acabam geralmente por reagir de maneira violenta em relação a outros colegas (MUSITU et al., 2011) ou a si mesmas (MARTÍNEZ, 2013). Para Ballone e Moura (2008, p.1) é aquela pessoa “com algum traço ligeiramente destoante do ‘modelinho’ culturalmente imposto ao grupo etário em questão”. Estudos mostram que a vítima é escolhida pelo autor, ou seja, há subentendido nas ações do agressor algum desejo de destruição, seja por preconceito ou por

necessidade de mostrar a sua não aceitação (CEREZO, 2009), em geral por apresentar-se mais frágil, com dificuldade para defender-se. Alunos com baixa autoestima tendem a ser mais vulneráveis a diferentes formas de violência (MARRIEL et al., 2006).

Já os agressores, precisam também de ajuda já que possivelmente sofrem uma grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral, mostrando pouca empatia por suas vítimas, altos níveis de impulsividade, baixa tolerância às frustrações (MUSITU et al., 2011). De acordo com Ballone e Moura (2008, p. 1), os autores são geralmente:

peessoas antipáticas, arrogantes e desagradáveis. Alguns trabalhos sugerem que essas pessoas vêm de famílias pouco estruturadas, com pobre relacionamento afetivo entre seus membros, são debilmente supervisionados pelos pais e vivem em ambientes onde o modelo para solucionar problemas recomenda o uso de comportamento agressivo ou explosivo. Há fortes suspeitas de que as crianças ou jovens que praticam o bullying têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais, psicopáticos e/ou violentos, tornando-se, inclusive, delinquentes ou criminosos. Normalmente o agressor acha que todos devem atender seus desejos de imediato e demonstra dificuldade de colocar-se no lugar do outro.

De acordo com Martins (2005), esse tipo de conduta, o bullying, apesar de ser classificado como uma agressão entre pares pode significar uma manifestação de distúrbio do comportamento, pode ser violento e levar à delinquência. Porém, devemos ficar atentos e não nos deixarmos cair nas armadilhas da caracterização do “tipo” possível de agressor. Reafirmamos que é necessário pensar nas causas deste problema e não procurarmos a priori, os alunos que apresentem perfil descrito do agressor, pois como afirma Cerezo (2009), é necessário situar o problema no marco social onde é gerado, e não apenas buscar categorizar os sujeitos envolvidos.

Quando há conhecimento de um tipo de fenômeno e a este se dá uma denominação, há uma certa tranquilidade e acomodação em razão do conhecimento de sua nomenclatura como se isso bastasse para controlá-lo; o que pode gerar uma possível generalização dos acontecimentos. Isso representa certo perigo ao se tratar do fenômeno *bullying* por duas razões: primeiramente, qualquer manifestação parecida ou que se enquadre com alguma de suas características pode ser considerada como *bullying*, muitas vezes sem necessariamente o ser; em segundo lugar, ele pode não ser tratado da devida forma, como se apenas o conhecimento de sua aparição, seu diagnóstico de existência, bastasse para sua resolução e/ou prevenção, e assim há uma ilusão em relação ao fenômeno, sua ocorrência e sua resolução.

Refletindo sobre as causas do *bullying*, os fatos apontam o preconceito como um dos motivadores dessas agressões, deixando clara a perpetuação dos valores explícitos ou implícitos na sociedade, externalizados principalmente pela sociedade de consumo. Também o desejo de afiliação, de sentir-se membro importante no grupo, pode fazer com que alguns alunos se utilizem de seu status de poder sobre a vítima para sentir-se valorizado e reconhecido pelos colegas (CEREZO, 2009, GARCIA; MADRIAZA, 2005).

3 | Alguns filmes pra discutir o fenômeno

Os filmes aqui discutidos foram escolhidos por sua temática, que aborda direta ou indiretamente o assunto e permite reflexões sobre o fenômeno de diferentes pontos de vista. Também, pela diversidade das produções que inclui um filme espanhol, um curta brasileiro e dois filmes norte americanos, com formas distintas de apresentação do tema; além destes aspectos, a relativa proximidade quanto à data de produção - todos da primeiras década do século XXI, entre os anos 2000 e 2010.

O filme espanhol *"Bullying"* (2009), dirigido por Josetxo San Mateo traz de uma forma realista, angustiante e esclarecedora algumas características e questionamentos interessantes sobre o fenômeno, principalmente em relação aos personagens que caracterizam tal agressão. O modo pelo qual o diretor do filme se utiliza para retratar o bullying na escola não tem a intenção de mostrar o casual nas ocorrências deste fenômeno e nem os tipos de agressões mais comuns. Porém, é capaz de despertar o espectador para algumas das possibilidades, que não estão distantes da realidade.

No filme, a mãe viúva, que tem uma rotina intensa de trabalho diário para sustentar seu filho, é impossibilitada de perceber o sofrimento dele. A escola não consegue lidar com a situação: sugere conversas, intimida, nega a ocorrência do *bullying* naquele espaço, não se dá conta das agressões que acontecem. Todas as ações tomadas pela escola geram maior risco para a vítima, porque coage e intimida, tanto a vítima quanto os observadores. Quanto aos colegas espectadores que ao mesmo tempo não se conformam com o silêncio da vítima, falta-lhes coragem de denunciar, porque têm conhecimento de que são possíveis futuras vítimas da violência, o que os fazem ficar acuados.

O filme, de forma muito intensa, traz uma mensagem que talvez tenha deixado muitos espectadores sem perspectivas para o problema apresentado, força a "desamarrar os cordões da raiva e da angústia" e refletir sobre o assunto buscando alguma solução. É possível refletir sobre a necessidade e sobre os modos, em todos os ambientes de ensino, de uma prevenção eficaz, que não seja tardia (como no filme). Prevenir para muitos é falar sobre o assunto com os alunos: no filme, um especialista visita a escola, reúne os alunos e discorre, de modo intimidador e coercitivo, acerca da importância em denunciar e em não agredir colegas. Há ainda os que acreditam que prevenir é simplesmente ensinar-lhes o nome do fenômeno e fazer com que saibam classificar e denominar essa violência, como se o problema se solucionasse desta forma.

Assim como acontece no filme, há probabilidade de os alunos se sensibilizarem com tais informações e até refletirem sobre o assunto, mas por medo, não atuem de forma a auxiliar o colega que vem sofrendo perseguição. Como afirma Freire (2013, p.32):

Uma das eficácias do poder arbitrário (neste caso representado pelos agressores) está em que, introjetado como medo, passa a habitar o corpo das pessoas e, assim a controlá-las através delas próprias. Delas próprias ou, talvez mais rigorosamente dito, através delas como seres duais e ambíguos: elas e o opressor morando nelas.

Porém, esta iniciativa apresentada no filme não pode ser chamada de prevenção. Manter um ambiente com relações saudáveis, em que os alunos sintam-se aceitos, com atividades acadêmicas de caráter cooperativos são formas de prevenir o bullying e também outras violências, mas que necessita ser trabalhado e estimulado sempre, como qualquer outro ambiente (MUSITU et al., 2011). Ainda quanto à prevenção, para Carvalhosa (2010), esta deve envolver não apenas o indivíduo em risco, ou vulnerável, mas também deve estender-se à escola como um todo, bem como às famílias, e à comunidade do entorno escolar.

Uma escola que visa um ambiente com baixos índices de violência entre pares, ou seja, que trabalhe e mantenha suas relações interpessoais de forma saudável e construtiva principalmente para os alunos, deve se preocupar com suas crianças e seus jovens, de forma que estes se sintam acolhidos e pertencentes e construtores desta instituição. Isso não é o que acontece no filme *"Elephant"*¹ (2003, tradução nossa) dirigido por Gus Van Sant, o qual nos mostra o cotidiano dos jovens envolvidos na história real ocorrida na escola em Columbine, em 1999 nos EUA. Em um dia comum (para a maioria que ali estava), a escola foi invadida a tiros de armas potentes

¹ Título traduzido: Elefante.

por dois rapazes alunos daquele Instituto. Esses dois meninos eram vistos pelos outros alunos da escola como os típicos “fora dos padrões”. Eram excluídos, não tinham amigos, nem grupos aos quais pertencessem. Não se identificavam com aquele ambiente. Nada nem ninguém naquele local significavam algo para eles. Nada os pertencia, nada os acolhia. O ambiente era alheio a eles. E em meio a um cotidiano de naturalização da violência – o filme retrata que os garotos jogavam jogos de vídeo-game nos quais o objetivo era matar pessoas – eles tiveram essa atitude de talvez “brincar” de matar como no game, ou ainda, exterminar um problema da vida deles que não se resolvia – a escola – por um meio que eles achavam possível. E foi. “[...] os homens aguardam que este mundo sem saída seja incendiado por uma totalidade que eles próprios constituem e sobre a qual nada podem.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.36). A falta de solução para tantos problemas encontrados naquele ambiente que fazia parte do cotidiano dos dois jovens e que tanto os atrapalhava, fez com que tomassem atitudes destruidoras, já que o desejo era fazer com que aquilo não existisse.

Vieira, Mendes e Guimarães (2009), estudando os fenômenos chamados *school shootings*, ou tiroteios em escolas, como o ocorrido em Columbine afirmam, pautados em relatório realizado pelo Serviço Secreto dos Estados Unidos e o Departamento de Educação dos Estados Unidos em 2004, que analisaram 30 episódios como o ocorrido em Columbine, e que algumas variáveis podem ser reconhecidas em boa parte dos eventos, entre elas estão:

[...] dificuldades dos atiradores em lidar com perdas significativas e falhas pessoais, interesse por mídia violenta [...], o fato de estarem sendo vítimas de perseguições e humilhações de colegas, a manifestação de comportamentos anteriores que sinalizavam que eles precisavam de ajuda, entre outros (VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009, p.496, grifo nosso)

3.1 | Situações apontadas no filme *Elefante*

Uma possibilidade de evitar que as crianças e os jovens sejam vítimas de *bullying*, provavelmente a mais fácil delas ou a mais praticada, na maioria das vezes sem ao menos perceber-se, seria torná-los parecidos com os outros alunos, anulando suas diferenças, personalidade e modo de ser, enquadrando-os à sociedade, já que é comum no *bullying* manifestações do preconceito para com aqueles considerados diferentes. Outra possibilidade seria ensiná-los a defender-se sendo igualmente agressivos. Porém, essas soluções, apesar de serem muito praticadas, são muito passíveis de discussão e reflexão.

Nossa sociedade tende a não aceitar os diferentes. Todos devem consumir as mesmas coisas, vestir-se com as mesmas marcas de roupas, comer as mesmas coisas, comportar-se da mesma maneira, ter o mesmo padrão de corpo, entre muitas outras imposições de comportamentos e aparência. Deste modo também é a escola, reflexo da sociedade e local de manifestação das regras do consumo. “A brutalidade com que [a sociedade] enquadra o indivíduo é tão pouco representativa da verdadeira qualidade dos homens quanto o valor o é dos objetos de uso” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.35).

Os alunos que não apresentam este tipo de padrão imposto por esta sociedade de consumo, na qual estamos inseridos, e que modifica os valores dos objetos de uso, são discriminados (GOMES et al., 2006). Isto é muito bem discutido por Antunes e Zuin (2008) em seu texto “Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação” quando fazem referência ao preconceito como principal motivo para a ocorrência do *bullying*. Em contrapartida ao preconceito explícito, com fim nele mesmo, “o racista ou o preconceituoso aspiram secretamente àquilo que detestam” (MATOS, [19--], p.14). Assim, a violência contra o discriminado, contra o não aceito, passa a ter outra intencionalidade: Como o discriminado conseguiu se livrar das imposições da sociedade e

das etiquetas e se tornar algo que ele simplesmente almeja ser?

Nesta sociedade das etiquetas, do consumo, do universal, não é permitido ser o que simplesmente se almeja. Seguindo esta ordem, não é fácil conseguir se livrar dessas imposições a que estamos expostos vivendo nesta sociedade. Ao mesmo tempo que odiamos quem não está no quadrado e foge do que é esperado, também desejamos isso a todo momento em que a sociedade nos dita modos de ser e de viver. E aí é que a violência do *bullying*, como o preconceito, deixa de ter fim em si mesmo simplesmente visando à aniquilação, e passa a ter um sentido de angústia do agressor, que desejaria ter a mesma capacidade da vítima: não estar no quadrado perfeito da sociedade e faz isso aniquilando o diferente e demonstrando seu poder. É como se fosse necessário mostrar a todos que estilos próprios e transgressões às regras da sociedade de consumo são proibidos no ambiente coletivo, nesse caso, na escola.

Uma manifestação clara do *bullying* a partir do preconceito se encontra no curta-metragem “*A peste da Janice*” (2007) dirigido por Rafael Figueiredo. Janice é uma menina novata na escola onde estuda, e mais que isso, é filha da faxineira da escola. A clareza do motivo do preconceito não é explicitada no filme, mas fica subentendida. As colegas de sala a excluem em todos os momentos e, ainda mais, não podem se encostar nela, pois segundo elas Janice é portadora da “peste da Janice”. Tal situação diverte as meninas, e uma “passa” a peste para outra, como se um simples toque fosse capaz de transmitir tudo o que Janice carrega com ela (uma vida sofrida, pobre, uma mãe faxineira). Ninguém toca em Janice e muito menos conversa com ela. A sala toda se diverte, enquanto Janice se entristece, sendo excluída.

O fato de o filme ter mostrado como é a vida de Janice – pai falecido, filha de faxineira, uniforme doado e muito maior do que seu tamanho, novata na escola – faz entender o porquê supostamente aquela menina é discriminada. Claramente ela não se “enquadra” nos padrões da escola – “Quem é ela? Quem é ela? Eu vejo tudo enquadrado. Remoto Controle” (CALCANHOTTO, 1991). Meninas com nível sócio-econômico mais alto que Janice, arrumadas e com materiais escolares da moda: esses são os motivos pelos quais todas as alunas depreciam Janice e faz com que ela sofra tanto.

Outro acontecimento muito importante neste curta é o olhar da professora, que em momento algum percebe ou se preocupa com o que está acontecendo na sala, apesar de notar que as meninas estão mais agitadas desde que Janice entrou na escola. Ela não pausa suas aulas conteudistas nenhuma vez para tentar entender o que há naqueles comportamentos ou para propor atividades que mostrem preocupação com a integração e com o relacionamento das alunas. Pedidos de silêncio e de ausência de bagunça são as ações tomadas pela professora. A menina novata não foi apresentada à sala ou inserida no contexto e nas relações em nenhum momento, e seu nome sequer apareceu na lista de chamada.

O diferente representa o perigo e, no curta, é apresentado com o próprio nome dado pelas meninas: “peste”. A peste precisa ser isolada, pois contagia e, ao contagiar desestrutura o sistema, causa morte e desolação. Neste caso, a diferente precisa ser isolada para que não contage outras pessoas, como se faz com os doentes físicos, mas que no curta representa a doença social.

No filme “*About a boy*”² (2002, tradução nossa) dirigido por Paul e Chris Weitz isto se torna muito evidente, porém, disfarçado em meio ao mundo hollywoodiano e à naturalidade em que ocorre já que retrata realidades tão comumente vistas e aceitas em todos os momentos e em todos os lugares. O menino, personagem principal do filme, tem muita dificuldade de ser enquadrado. Sofre *bullying*, pois não segue padrões de vida semelhantes aos de seus colegas – pai ausente, ótima relação com a mãe, que por sua vez sofre de depressão, roupas diferentes e antigas, corte de cabelo que não está na moda etc. Tudo isso faz com que o garoto sofra violência tanto física, verbal quanto psicologicamente, todos os dias na escola: caçoam, apelidam,

² Título Traduzido: “Um Grande Garoto”.

tiram seus sapatos. Em meio a uma trama típica de um filme de comédia romântica, a solução encontrada é dar ao menino condições de vida que o deixe parecido com os outros garotos. Ele não será um estranho e sim mais um número/consumidor/reprodutor neste mundo ao qual está imerso.

Apesar de este tema estar presente no filme, ele está diluído num roteiro e em imagens extremamente comerciais, típicas de produtos midiáticos que não prezam pela reflexão crítica e sim para o consumo alienado. No filme fica fácil perceber a moldagem à qual a sociedade tenta inserir os indivíduos que nela estão. E se a sociedade inteira responde a esse tipo de exigência imposta pelo consumo, pela padronização dos indivíduos, as crianças não estão fora disso. São alvos dessa universalização do consumo e, na maioria das vezes, o principal foco de apelo do mercado consumidor. E desta forma, como esperar que as crianças aceitem o colega dito “diferente”, se a sociedade, a televisão e até os adultos esperam e lutam para que ele mesmo seja igual a todos?

5 | Considerações finais

Uma grande inquietação da atualidade diz respeito ao aumento do *bullying* nas escolas. Contudo, ao considerarmos este aumento, temos que refletir sobre a influência da mídia nas informações que nos chegam. A mídia é uma das grandes responsáveis pela tendência das informações. Isso faz com que, segundo Betti (1999), o espectador seja iludido, dando-lhe a falsa sensação de contato perceptual direto com a realidade. O espectador assimila que tais fatos estão realmente acontecendo com muita frequência, quando na realidade há um aumento de sua veiculação, apenas. O espectador é iludido, pois não lhe é permitido saber qual a incidência real dos fatos. Hoje em dia, principalmente nesses primeiros anos do século 21, estamos na fase da grande veiculação do fenômeno *bullying*, fazendo com que as prateleiras das livrarias estejam cobertas de livros sobre como “prevenir” o *bullying*, o mesmo ocorrendo com os filmes como aqui relatados.

Como foi possível mostrar neste artigo há muitos filmes que tratam do fenômeno explicitamente (justamente com a intenção de abordar esse tema) ou implicitamente (fazendo parte de seu enredo de forma mais sutil). Em ambos os casos podemos utilizá-los de forma a proporcionar reflexões acerca do fenômeno. O importante é salientar que é necessário sempre fazer uma leitura complexa e profunda, de forma a refletir os diversos modos como o *bullying* é relatado e mostrado nos filmes. É necessário e primordial refletirmos criticamente acerca do que nos é posto midiaticamente, seja por meio de filmes – como foi aqui estudado – ou de qualquer outro mecanismo. A reflexão, a crítica e a análise conjuntural do que é tratado nesses meios midiáticos é essencial. Assim, acreditamos que os filmes são ferramentas importantes e ricas de possibilidades reflexivas para se tratar temas tão complexos e dinâmicos como o fenômeno *bullying*.

O excesso de racionalização do mundo, vindo com a ideia de controle da natureza e de cientificidade para controlar o (medo do) desconhecido, trouxe a universalidade, a verdade universal obtida pela razão, pela ciência. A razão traz a lógica que nos permite tender ao idêntico e à universalidade, o que produz o pensamento estereotipado, etiquetado, moldado, configurado, ou ainda, o pensamento que vai ao encontro do que ocorre no mundo construído pelos que exercem o poder, sem fugir dos padrões pré-estabelecidos. As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por elas criadas servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). O subjetivo, a experiência individual e o pensamento de cada um se perdem na lógica das etiquetas. Os indivíduos são etiquetados para terem uma função e para serem algo esperado no mundo. A etiqueta informa e forma. Informa sobre quem deve ser. Forma pessoas num molde.

Mostra a forma (fôrma) que aquele indivíduo deve atuar. Apresenta qual é a forma (fôrma) que ele representa/reproduz.

Eu, Etiqueta - Carlos Drummond de Andrade (1984)

*Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.*

[...]

*meu isso meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.*

Estou, estou na moda.

*É doce estar na moda, ainda que a moda
seja negar a minha identidade,*

[...]

*E nisto me comprazo, tiro glória
da minha anulação.*

[...]

*Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.*

*Já não me convém o título de homem,
meu nome novo é coisa.*

Eu sou a coisa, coisamente

“Etiquetas são aplicadas, cada um é amigo ou inimigo [...]. Transferem-se grupos étnicos para outras regiões, enviam-se indivíduos marcados como judeus às câmaras de gás” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.166). O padrão da sociedade “[...] é a autoconservação, a assemelhação bem ou malsucedida à objetividade da sua função e aos modelos colocados para ela. Tudo o mais, Ideia e criminalidade, experimenta a força da coletividade que tudo vigia, da sala de aula ou sindicato” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.35).

Em contrapartida, devemos considerar que paralelamente ao aumento da veiculação de *bullying* nas escolas por meio da mídia, é possível haver um aumento considerável de sua incidência devido a alguns outros fatores. Podemos considerar, visto a sociedade em que estamos inseridos que, hoje em dia, os alunos (ou as crianças como um todo) sofrem uma pressão da sociedade – pais, amigos, família, professores, mídia – que supostamente é maior do que há alguns anos devido ao nível do capitalismo e dos moldes em que a sociedade se encontra no momento (GOMES et al., 2006).

Não há dúvida de que o *bullying* realmente aconteça, visto o que ocorre cotidianamente nas escolas do mundo todo. Porém, há de se pensar por que essas crianças e jovens agem desta maneira. Como expressado anteriormente, há de se considerar as “etiquetas” às quais as pessoas estão expostas e submetidas hoje em dia e é necessário ir à raiz do problema, sem

cometermos o mesmo erro de “etiquetar” os jovens e pré-julgá-los. Os jovens estão, muito possivelmente, assim como todos os indivíduos da sociedade, sendo responsáveis pela perpetuação, servindo de vigia para as regras que essa sociedade alienante, disciplinadora e moldada impõe, num processo de autorregulação ao qual estamos expostos.

Concluindo, deixamos o assunto do *bullying* em aberto, propositadamente, já que pensamos não ser possível encerrar um tema que está em pleno desenvolvimento na sociedade e que possivelmente não acabará tão cedo, visto a sociedade em que estamos inseridos. Além disso, a cada momento que a sociedade vive, é possível notar fatos diferentes entre as crianças e os jovens, deste modo a reflexão é sempre necessária e nova.

Acreditamos que como as instituições de ensino hoje em dia estão formadas e estabelecidas, favorece este tipo de violência. É de extrema importância a discussão e a reflexão acerca deste fenômeno, e dos casos individuais ocorridos em cada escola, assim como de tantos outros referentes à nossa escola atual. A reflexão se faz necessária, de modo que os construtores/atores da escola possam investigar e discutir o que acontece. A escola deve se manter em eterna confecção, desconstrução e ressignificação, sem necessidade desta ordem.

Referências

- A PESTE da Janice. Direção: Rafael Figueiredo. Porto Alegre: Casanova Filmes, 2007. 1 Curta-metragem (15 min), son., color.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- ANDRADE, C. D. de. Corpo. Rio de Janeiro: Record. 1984.
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. Psicologia e Sociedade. São Carlos, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.
- BALLONE, G. J.; MOURA, E. C. Maldade da infância e adolescência: bullying - in. PsiqWeb, Internet. 2008. Disponível em: <www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 11 mar. 2014.
- BETTI, M. Entre assistir e praticar: educação física, esporte, televisão e lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). Lúdico, educação e educação física. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.
- BULLYING. Produção de Els Quatre Gats Audiovisuais S.L.. Barcelona: Plot Films S.L., 2009. 1 DVD (95 min), son., color.
- CALCANHOTTO, A. Esquadrões. Intérprete: Adriana Calcanhotto. In: Público. Rio de Janeiro: BMG, 1991. 1 CD. Faixa 10.
- CARVALHOSA, Suzana. Prevenção da violência e do bullying em contexto escolar. Lisboa: Climepsi, 2010.
- CEREZO, Fuensanta. Bullying: análisis de la situación en las aulas españolas. International Journal of Psychological Therapy, v. 9, n. 3, p. 383-394, 2009.
- ELEFANTE. Direção: Gus Van Sant. Estados Unidos: HBO Films, 2003. 1 DVD (81 min), son., color. Tradução de Elephant.
- FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. Psicologia: Reflexão e Crítica. v. 22, n. 2, p.200-207, 2008.
- FREIRE, Paulo. Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GARCIA, Mauricio; MADRIAZA, Pablo. La imagen herida y el drama del reconocimiento: estudio cualitativo de los determinantes del cambio en la violencia escolar en Chile. Estudios Pedagógicos, v. 31, n. 2, p. 27-41, 2005.
- GOMES, C. A. et al. A violência na ótica de alunos adolescentes do Distrito Federal. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006.
- HERNÁEZ, Lara L. Manifestaciones del acoso escolar: los chicos acosan de forma diferente que las chicas? Reviosta Iberoamericana de Educación, v. 62, n. 1, p. 1-13, 2013.
- LACASA, Consuelo S.; RAMIREZ, Fuensanta C. Estatus social de los sujetos implicados em bullying: elementos para la mejora de la convivencia em el aula. REOP, v. 22, n. 2, p. 137-149, 2011.
- LOPES NETO, A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. J. Pediatria. Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- MARRIEL, Lucimar C. et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. Cadernos de Pesquisa, v.36, n.27, p.35-50, 2006.
- MARTÍNEZ, José Maria A. Bullying: guia para educadores. Tradução J. Guillermo Milán-Ramos. Campinas: Mercado das Letras, 2013.
- MARTINS, M. J. D.. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. Revista Portuguesa de Educação. Minho, v. 18, n. 1, p. 93-115, 2005.
- MASCARENHAS, Suely. Gestão do Bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia). Psicologia, Saúde & Doenças, v.7, n.1, p.95-107, 2006.
- MATOS, O. C. F. T. W. Adorno: notas bibliográficas. Revista Educação: Adorno pensa a educação. p. 6-15. [19--].
- MOURA, Danilo R.; CRUZ, Ana Catarina N.; QUEVEDO, Luciana A. Prevalence and characteristics of school age bullying victims. Jornal de Pediatria, v. 87, n. 1, p. 19-23, 2011.
- MUSITU, Gonzalo et al. Agentes de socialização da violência e vitimização escolar. In: CALDEIRA, Suzana N., VEIGA, Feliciano H. Intervir em situações de indisciplina, violência e conflito. Lisboa: Fim de Século, 2011.
- PRODÓCIMO, Elaine et al. Os Adolescentes brasileiros e a violência entre pares na escola: o fenômeno visto de dentro para fora. Interações, n. 25, p. 202-225, 2013.
- SMITH, Peter K. et al. Definitions of bullying: a comparison of terms used, and age and gender differences, in a fourteen-country international comparasion. Chil Development, v. 73, n. 4, p. 1119-1133, 2002.
- SMITH, Peter K.; BRAIN, Paul. Bullying in school: lessons from two decades of research. Aggressive Behavior, v. 26, p. 1-9, 2000.
- UM GRANDE garoto. Direção: Chris Weitz e Paul Weitz. Estados Unidos: Universal Pictures, 2002. 1 DVD (101 min), son., color. Tradução de: About a boy.
- VIEIRA, Timoteo M.; MENDES, Francisco D.C.; GUIMARÃES, Leonardo C. De columbine à virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 22, n. 3, p. 493-501, 2009.
- VITERO, Ferran B. Usos y malos usos de las nuevas tecnologias: cyberbullying. In: FUENTES, Maria del Carmen P.; JURADO, Maria del Mar M. Variables psicológicas y educativas para la intervención en el ámbito escolar. Almeria: Asoc. Univ. de educación y psicologia, 2013. p.397-399.